



Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distr. gratuita) Edição: Novembro/Dezembro 2012

O NASCIMENTO DO SALVADOR

“Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por ele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado; porque não crê no nome do Filho único de Deus. Ora, este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, pois as suas obras eram más. Porquanto todo aquele que faz o mal odeia a luz e não vem para luz, para que suas obras não sejam reprovadas. Mas aquele que pratica a verdade, vem para luz. Torna-se assim claro que as suas obras são feitas em Deus.” (Evangelho de São João 3, 16-21)

O Senhor Deus na grandiosidade do seu amor nos deu seu filho único permitindo que nascesse, fizesse homem para que assim pudesse com seu sangue redentor salvar a humanidade. Ele nasceu com a missão de cumprir com a vontade de Deus-Pai no plano de salvação do gênero humano. Deus se fez homem, nasceu, caminhou entre os homens e na cruz concretizou o plano de salvação de Deus-Pai. Que ao olharmos para a manjedoura de Belém possamos penetrar neste mistério de amor, de um Deus feito homem, luz do mundo, o Rei dos Reis. Que possamos então nos recolher em oração e meditar neste mistério de amor.

Baseado nas visões da beata, a freira agostiniana alemã Ir. Anna Catharina Emmerich, segundo as revelações divinas transmitidas a ela sobre o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, poderemos realmente ver de forma mais detalhada a prontidão desses que foram protagonistas desta história. Também a grandiosidade do amor de Deus por toda a humanidade.

1) ADVENTO

Por muitas semanas a Santíssima Virgem esteve ocupada com os preparativos para o nascimento de Cristo, costurando e tricotando colchas, roupas e faixas para serem usadas como fraldas. Havia mais do que o suficiente de tudo, porém muito era para ser dado de presente aos pobres, que eram sempre lembrados em ocasiões felizes como esta.

Com a gravidez já bem avançada a Santíssima Virgem teve o auxílio de Anna, sua mãe, de Maria Cleofas, e também das servas de Anna.

José esteve em viagem a Jerusalém, levando animais para o sacrifício. Quando ele atravessava o campo de Chimki, a seis horas de Nazaré, um anjo apareceu-lhe e o avisou que deveria ir com Maria a Belém imediatamente, pois era lá que ela deveria dar à luz a criança. Também



indicou tudo que ela deveria levar consigo para seu uso, explicando que deveriam ser poucas coisas simples e em particular as colchas bordadas. Também, além do asno em que Maria deveria viajar, ele teria de levar uma jumentinha de um ano que ainda não tivesse dado cria, deveria deixá-la correr livremente e sempre seguir o caminho que ela tomasse.

José chegou a Nazaré ao entardecer e revelou o que o anjo havia lhe dito na noite anterior. Em seguida, se prepararam para partir imediatamente. A Santíssima Virgem já sabia que teria a criança em Belém, uma vez que tinha conhecimento daquelas passagens dos Profetas que o Salvador iria nascer em Belém, mas tinha mantido o silêncio por humildade. Ela cedeu à Divina vontade e começou a viagem, o que era difícil para ela naquela época do ano, quando era sempre bastante frio nos vales entre as passagens das montanhas.

A Sagrada Família iniciou a viagem caminhando e subindo o Monte Gilboa. Eles não passaram por nenhuma cidade; seguiram a jovem jumentinha, que sempre tomava caminhos retirados e solitários. Pararam em uma casa nas colinas pertencentes a Lázaro. O administrador, que os conhecia de outras

jornadas, deu-lhes amistosas boas-vindas. A família de José e Maria tinha intimidade com Lázaro. O administrador e sua esposa conversaram muito amigavelmente com a Santíssima Virgem. Eles estavam surpresos que ela estivesse fazendo um viagem tão longa em sua condição, quando deveria ter todo o conforto em casa de sua mãe Anna.

Durante a viagem, dentre os locais onde procuraram para descansar ou dormir, batendo a porta de casas de família ou estalagens, muitas vezes foram mandados embora, tratados com grande desdém ou repreendidos com ofensas por pessoas de coração duro. Houve até quem zombasse de São José por levar uma mulher tão jovem com ele. Outros nem mesmo abriam a porta; gritavam com palavras duras através dela. Quando assim acontecia, Deus providenciava que se acomodassem em cabanas nas colinas. Em algumas ocasiões foram acolhidos amavelmente e hospedados com dignidade por pessoas de bom coração.



Cortaram caminho por várias estradas comerciais que ligam o Jordão à Samaria, alcançando as estradas principais que vão da Síria ao Egito. Os caminhos alternativos que eles tomaram são muito pequenos e nas montanhas eram algumas vezes tão estreitos que um homem devia prosseguir muito cautelosamente para não dar um passo em falso. Os jumentos, entretanto, dão passos muito firmes.

O caminho até Belém durou aproximadamente dez dias. Chegando lá, Maria permaneceu com o jumento na entrada da rua principal enquanto José procurava uma hospedaria nas casas próximas – em vão, pois Belém estava cheia de forasteiros, todos correndo de lugar em lugar. José voltou para junto de Maria, dizendo que como não foi possível encontrar nenhum abrigo ali eles iriam mais para dentro da cidade. José ia de casa em casa a procura de abrigo e novamente voltou entristecido. Isto aconteceu várias vezes e a Santíssima Virgem teve de esperar um longo tempo. Por toda a parte as casas estavam cheias e em todo lugar ele era recusado, então disse a Maria que eles deveriam ir a outra parte de Belém onde certamente iriam encontrar abrigo. A procura foi infrutífera. José voltou a ela com grande sofrimento por não ter encontrado abrigo. Ele estava em lágrimas e Maria o confortou. Mais uma vez ele foi de casa em casa; mas

quando informou a proximidade do parto de sua esposa como o motivo principal de seu apelo, ele encontrou recusas ainda mais fortes. São José por fim voltou; ele estava tão triste que apareceu hesitante e disse não ter obtido sucesso, mas conhecia um lugar fora da cidade pertencente a pastores, que frequentemente iam para lá quando traziam os rebanhos para a cidade. Eles foram então para fora de Belém, para leste da cidade, por um caminho isolado, pela esquerda ao longo de muros em ruína, valas e encostas de um vilarejo. Dentre muitas outras grutas ou cavernas habitáveis diferentes, estava a gruta na qual José procurou abrigo para a Santíssima Virgem. Na frente da entrada principal, sustentado por pilares, havia um telhado leve de juncos de modo que se podia sentar abrigado em frente à caverna. No alto do lado sul havia três aberturas para luz e ar, fechadas com grades fixas em alvenaria.

O sol já estava baixo quando alcançaram a entrada da gruta. A jovem jumentinha saltava alegremente em volta deles, pois era vontade de Deus que ali ficassem. José, contudo, estava muito triste e secretamente envergonhado por ter falado tantas vezes de sua boa recepção em Belém. Ele pôs o jumento de carga sob o abrigo na entrada da gruta e preparou um lugar para Nossa Senhora descansar ali enquanto acendia a lamparina, abria a porta de vime da gruta e entrava. A passagem para caverna era estreita, pois estava cheia de fardos de palha com juncos empilhados contra a parede, cobertos com esteiras marrons. No fundo, a caverna estava entulhada com muitas coisas. José abriu espaço tanto quanto necessário para proporcionar um local de descanso confortável para a Santíssima Virgem. Depois ele amarrou um candeeiro na parede da gruta escura e conduziu a Santíssima Virgem para dentro. Ele desculpou-se muito humildemente pela pobreza do abrigo, mas Maria estava feliz e contente em seu espírito.

Maria disse a São José que nesta noite à meia-noite seria a hora do nascimento da criança, pois então os nove meses desde a Anunciação estariam completados. Ela lhe pediu que fizesse todo o possível de sua parte de modo que pudessem mostrar toda honra para com a criança prometida por Deus e sobrenaturalmente concebida. Pediu ainda que se unisse a ela em oração pelas muitas pessoas de coração endurecido que lhes haviam recusado abrigo. Assim que a Santíssima Virgem lhe disse que sua hora estava se aproximando e que ele deveria ir para a entrada da gruta, onde dormia, José pendurou mais alguns candeeiros na gruta e saiu quando ouviu um barulho do lado de fora da gruta. Ali ele encontrou a jumentinha que até então estava vagando solta no vale dos pastores. Ela veio correndo alegremente e saltitava à sua volta. Ele a amarrou sob o abrigo diante da gruta e espalhou forragem diante dela.

Quando José voltou para a gruta e da entrada olhou a Santíssima Virgem na direção ao leste, ajoelhada sobre a cama. Ele a viu como se estivesse rodeada de chamas, toda a caverna estava repleta de luz sobrenatural. Deu uma olhada para ela, como Moisés quando viu a sarça ardente, e depois foi ao seu local de dormir em santa admiração prostrando seu rosto em oração.

2) O NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR

O brilho em torno da Santíssima Virgem crescia sem parar. A luz das lâmpadas que José tinha acendido não

mais eram visíveis. Nossa Senhora ajoelhou-se sobre um tapete com seu manto desenfaixado espalhado à sua volta, com sua face em direção ao leste. À meia-noite ela estava absorta em oração extática. Suas mãos estavam cruzadas sobre o peito e permaneceu assim por alguns minutos inconsciente, como se estivesse sendo erguida, ajoelhada, por anjos. O brilho à sua volta aumentava; tudo, mesmo coisas sem vida, possuía uma alegria interior. Então, uma estrada de luz abriu-se sobre Maria, subindo em glória sempre crescente em direção aos altos céus. Enquanto isso, a Santíssima Virgem, ainda em êxtase, viu uma luz crescente diante dela na qual a figura de uma Criança parecia crescer diante de seus olhos. Ela estava agora olhando para baixo, adorando seu Deus, de quem ela se tornara Mãe e que estava deitado no chão diante dela na forma de um recém-nascido indefeso. Nosso redentor como uma pequena criança, brilhando com uma luz que se sobrepunha a todo o brilho em redor, deitado sobre o tapete sob os joelhos da Santíssima Virgem.

A Santíssima Virgem permaneceu por algum tempo arrebatada em êxtase. Colocou um pano sobre a Criança, mas a princípio ela não tocou nem pegou o Menino Deus. Após algum tempo o Menino Jesus se moveu e chorou. Então Maria voltou a si, pegou a Criança do tapete, envolvendo-O no pano que ela depositara sobre Ele, depois O segurou em seus braços junto ao seu coração. Ela sentou ali envolvendo a si e ao Menino completamente seu véu e então amamentou o Redentor. Devia ser uma hora depois do nascimento quando Maria chamou São José que ainda estava em oração. Quando se aproximou prostrou-se com o rosto no chão em piedosa alegria e humildade. Foi somente quando Maria lhe pediu que segurasse o Menino junto ao coração, em júbilo e gratidão, o Sagrado presente do Deus Altíssimo, que ele se levantou, tomou o Menino em seu braços e louvou a Deus com lágrimas de alegria.

A Santíssima Virgem então enfaixou o Menino Jesus com tiras de pano. Maria e José sentaram-se sobre seus próprios pés lado a lado no chão. Eles não falavam e pareciam estar ambos mergulhados em meditação. No tapete diante de Maria estava o recém-nascido Jesus enfaixado, uma pequena Criança, bela, radiante como a luz. Então eles deitaram a Criança na manjedoura, que estava cheia de feno e plantas delicadas, coberta com um pano que pendia dos lados. Depois de deitarem a Criança na manjedoura ambos ficaram do lado Dele dando graças a Deus com lágrimas de alegria.

Nossa Senhora, nos primeiros dias após a Natividade, de forma alguma parecia enferma ou cansada. Na noite do Nascimento do Salvador uma nascente de água jorrou na gruta da colina ao norte da Gruta da Natividade. No dia seguinte, São José represou esta água e fez um escoadouro. O céu estava nublado sobre Belém e tinha um brilho avermelhado; mas sobre a Gruta da Natividade havia uma névoa de orvalho brilhante.

No Vale dos Pastores havia uma colina a cerca de uma hora e meia de jornada da Gruta da Natividade. Nesta colina estavam as cabanas de três pastores que eram os líderes das famílias dos pastores desta região, assim como os três reis magos eram líderes de suas tribos. Duas vezes mais distante da Gruta da Natividade do que esta colina estava a chamada Torre dos Pastores. Esta era uma construção erigida com vigas de madeira, entre verdes árvores, numa base de pedras na colina, no meio dos campos. Os pastores colocavam homens ali para olhar os rebanhos e avisar de qualquer perigo (ladrões ou bandos armados) tocando trombetas. As famílias de

vários pastores viviam em torno da torre dentro de uma circunferência de cerca de vinte e cinco quilômetros, suas fazendas eram separadas e rodeadas de campos e jardins.

Quando Jesus nasceu três pastores, juntos diante de sua cabana, ficaram maravilhados com a belíssima noite. Eles olhavam em redor e ficaram atônitos ao ver o maravilhoso brilho sobre o lugar onde ficava a Gruta da Natividade. Alguns deles subiram na torre para olhar mais atentamente o estranho brilho sobre a gruta. Enquanto os três pastores estavam olhando, uma nuvem de luz desceu na direção deles. Os pastores inicialmente estavam assustados, mas em seguida um anjo apareceu diante deles e lhes falou: 'Não temais', ele disse, 'eis que vos anuncio uma boa nova que será alegria para todo o povo: hoje vos nasceu na cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal. Achareis um recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura.' Enquanto o anjo anunciava isto, o brilho ao seu redor aumentou e então apareceu cinco ou sete brilhos grandes e intensos de anjos diante dos pastores. Eles seguravam uma longa faixa na qual estava escrito em letras tão grandes como uma mão, eles louvavam a Deus cantando 'Gloria a Deus no mais alto dos céus e na terra paz aos homens de boa vontade'. Os pastores na torre tiveram a mesma visão, mas um pouco mais tarde. Os anjos também apareceram a um terceiro grupo de pastores perto de uma fonte de água a três horas de Belém para o leste da torre dos pastores.

Os pastores perguntaram-se imediatamente sobre o que deveriam levar como presente a Criança recém-nascida e depois, pegando seus presentes juntos a toda pressa, se dirigiram à Gruta. Eles não chegaram à gruta até de manhã cedo.

Ao amanhecer, após o nascimento de Cristo os três principais pastores vieram com seus presentes que já tinha reunido de antemão. Estes presentes eram



pequenos animais, cabritos, aves abatidas amarradas pelas patas em cordas penduradas nos ombros e ainda levavam aves vivas maiores debaixo dos braços. Quando eles timidamente bateram na porta da Gruta, São José veio até eles com uma saudação amigável. Eles lhe contaram o que o anjo lhes havia anunciado aquela noite, que tinham vindo para adorar a Criança Prometida e para lhe dar presentes. José recebeu os presentes com humilde gratidão e os fez levar os animais a uma pequena câmara cuja entrada ficava ao sul da gruta. Depois ele os acompanhou para dentro da gruta principal e os levou até a Santíssima Virgem que estava sentada sobre a colcha no chão ao lado da manjedoura segurando o Menino Jesus em seu colo. Os pastores segurando seus cajados nas mãos, lançaram-se ao chão humildemente de joelhos diante de Jesus, chorando de alegria. Eles permaneceram um longo tempo sem falar em estado de beatitude e depois cantaram o hino de louvor dos anjos que tinham ouvido naquela noite. Quando eles se levantaram para ir embora, a Santíssima Virgem pôs o pequeno Jesus em seus braços um de cada vez. Eles O devolveram a Santíssima Virgem com lágrimas e saíram da gruta. À tarde, vários outros pastores, pastoras e crianças da Torre dos Pastores vieram até a manjedoura com presentes. Eles trouxeram ovos, pássaros, mel, tecidos de diferentes cores, punhados de seda crua, folhas e espigas cheias de grossos grãos. Após entregarem seus presentes a São José, eles se aproximaram humildemente da manjedoura, ao lado da qual estava a Santíssima Virgem. Eles saudaram a ela e a Criança, e depois, ajoelhando-se a sua volta, cantaram hinos encantadores, o *Gloria in Excelsis*, e alguns pequenos versos. Quando se despediram, eles se curvaram sobre a manjedoura como se estivessem beijando o Menino Jesus.

Os três pastores se alternavam em turnos para ajudar São José a arrumar as coisas mais confortavelmente na gruta, em torno dela, e nas grutas laterais. Também, mulheres muito piedosas ajudavam Nossa Senhora de diversas maneiras. Foi São José quem pediu que elas viessem; ele conhecia esta comunidade desde a infância, pois quando menino se escondeu de seus irmãos na Gruta da Natividade e algumas vezes visitou estas mulheres piedosas em suas moradas nas rochas. Elas se revezavam para vir até a Santíssima Virgem, trazendo feixes de lenha e outras pequenas necessidades, cozinhando e lavando para a Sagrada Família.

A aparição dos anjos aos pastores, na hora do Nascimento de Cristo, fez a história da maravilhosa Criança da Promissão conhecida por todas as pessoas boas nos vales, e muitas foram adorar a Criança com grande fervor. Uma parte generosa dos presentes trazidos pelos visitantes era entregue para ser distribuído entre os necessitados em Belém.

3) A JORNADA DOS TRÊS REIS MAGOS A BELÉM

Os ancestrais dos Reis Magos descendem de Jó, que viveu uma vez no Caucaso e possuía terras afastadas. Tudo que eles descobriam nas estrelas era anotado e transmitido à geração seguinte oralmente. Enquanto eles observavam as estrelas foram-lhes mostrados, em maravilhosas visões, todos os eventos especiais e os tempos ligados com a vinda do Messias. Desde a concepção de Maria, estas visões apontavam cada vez mais claramente para a proximidade da Criança. Por último eles viram várias indicações da Paixão de Jesus.



Eles foram capazes de calcular exatamente a chegada da estrela profetizada por Balaão, por eles terem visto a Escada de Jacó e terem sido capazes de calcular precisamente, como num calendário, a aproximação de nossa salvação pelo número de degraus na escada e pelas imagens que apareceram a cada um destes. O fim da escada dava numa estrela. Eles viram a Escada de Jacó como uma árvore no meio da qual três linhas de degraus estavam presas, e nestes apareciam uma série de figuras que eles viram na estrela à medida que estas se cumpriam, desta forma eles sabiam exatamente qual seria a próxima imagem e os intervalos entre as imagens dizia-lhes quanto tempo deviam esperar. No tempo da concepção de Maria eles viram a Virgem segurando um cetro e uma balança igualmente nivelada com trigo e uvas. Um pouco abaixo delas viram a Virgem com uma Criança. Eles viram Belém como um belo lugar, uma casa onde muita bênção era guardada e distribuída. Lá viram a Virgem e a Criança rodeados por uma grande luz gloriosa e muitos reis curvando-se diante Dele e trazendo oferendas. Eles também viram a Jerusalém celeste, mas entre esta e Belém havia um caminho escuro, cheio de espinhos, rivalidade e sangue. Todas estas imagens eles viram aparecendo à medida que iam se cumprindo. Nas últimas três noites eles viram estas imagens continuamente. Os chefes de cada um dos três enviava mensagens para os outros e quando eles viram a imagem dos reis trazendo oferendas à recém-nascida Criança, eles se apressaram com seus presentes desejando não serem os últimos a chegar. Todas as tribos dos observadores de estrelas tinham visto a estrela mas estes foram os únicos que a seguiram: Mensor, o de face parda; Theokenos, o velho, de face amarelada; e Sair, o de face negra (Os seus nomes em latim: Gaspar, Melquior e Baltazar, foram atribuídos a eles no século oitavo; assim eram chamados por causa do seu caráter, pois estes nomes significam nesta ordem: *“Ele vai com amor”*; *“Ele vagueia e se aproxima gentilmente com maneiras agradáveis”*; *“Ele toma decisões rápidas direcionando sua vontade para a vontade de Deus”*).

Estas observações das estrelas eram acompanhadas com jejum, oração, cerimônias religiosas e várias formas de renúncia e purificação. As visões não vinham da observação de uma única estrela, mas de um grupo de certas estrelas separadas.

No dia do Nascimento do Menino Jesus, durante a visão, a estrela partiu-se em pedaços diante de seus olhos e uma grande Virgem brilhante apareceu no céu, diante da qual uma criança radiante flutuava no ar. Imediatamente, depois de ver esta figura, Gaspar e Baltazar, que estavam juntos, partiram rumo à Judéia.



Melquior, o terceiro rei, o mais rico dos três, de onde estava viu a mesma figura na estrela, e partiu de imediato com grande pressa para alcançar Gaspar e Baltazar no caminho para Belém.

Cada um dos três reis atuava diante de sua tribo como um chefe de família. As três tribos diferiam um pouco no vestuário. Melquior, o de pele amarela, e sua família, bem como Gaspar, o mulato, usavam turbantes altos bordados em cores com uma faixa de tecido branco enrolada em volta. Seus sobretudos, que eram bem simples, iam até quase os tornozelos. Eles se envolviam em mantos leves, bem amplos e estufados, que arrastavam no chão atrás deles. Baltazar, o negro, e sua família, usavam chapéus com pequenas almofadas brancas e turbantes redondos bordados com cores nos quais havia um disco de uma outra cor. Seus mantos eram mais curtos do que o dos outros, mais longos na parte de trás do que na frente, abotoados até os joelhos e eram decorados no peito com cadarço e fartamente decorado com botões brilhantes.

Esta região era arenosa e pedregosa. Nas ruínas desta cidade abandonada, pessoas que pareciam bandos de assaltantes haviam se instalado. Depois dos três reis magos e seus acompanhantes terem se encontrado ali eles saíram ao amanhecer às pressas para continuar sua jornada. Muitos dos miseráveis que viviam ali se juntaram a eles por causa da generosidade dos reis. Cada um dos três reis tinha quatro parentes próximos ou amigos de sua família, de modo que, contando os reis, havia quinze pessoas importantes do grupo, além dos vários servos e guias dos camelos que os acompanhavam, de modo que somava em torno de 200 homens e demorava aproximadamente 15 minutos para a comitiva passar. Entre a bagagem havia também grandes gaiolas quadradas, estreitas e altas, penduradas pelos lados dos camelos debaixo dos pacotes maiores, onde levavam pássaros isolados ou em pares, galinhas, mantidas em compartimentos separados, usados como alimento durante a viagem. Levavam pães em bolsas de couro, vasos muito caros de metal amarelo, alguns dos quais ornamentados com pedras preciosas, onde bebiam.

A duração de sua jornada até Belém seria em torno de 700 horas ou aproximadamente 60 dias de viagem, cada dia com 12 horas de movimentação, mas eles a fizeram em 33 dias devido a grande velocidade de seus animais e

por terem algumas vezes viajado também à noite.

A estrela que os guiou era realmente como uma bola com raios de luz saindo dela e uma longa cauda. De dia era uma luz mais brilhante que o dia, e ela ia adiante deles. Não era como um cometa, mas como uma luminosidade transportada por um anjo.

A rapidez, organização e ritmo com que se deslocava a comitiva era perfeita, semelhante a um vôo de pássaros migratórios. A ordem e a nobreza de tudo que eles faziam era de se admirar. Estes bons homens seguiam a estrela com os olhos em silêncio e com muita alegria, as vezes conversavam entre si do alto de suas montarias. Algumas vezes eles cantavam frases curtas sucessivamente, numa melodia suave e bela, em tons altos e às vezes baixos. (Estas boas pessoas, que ainda não conheciam o Senhor, viajam em direção a Ele em tal ordem, paz e doçura, enquanto nós, a quem Ele redimiu e cumulou de graças, somos tão desorganizados e desrespeitosos em nossas procissões!).

Ao aproximarem-se da região de Belém, Herodes enviou um servo que fez com que o mais velho dos reis, Melquior, fosse levado a seu palácio em segredo. Era depois das dez da noite. Melquior foi recebido em um salão inferior por um dos cortesãos de Herodes e questionado sobre o objetivo de sua jornada. Ele respondeu tudo da maneira mais inocente e suplicou-lhe que perguntasse a Herodes onde encontrar o Rei dos judeus recém-nascido cuja estrela eles tinham visto e seguido a fim de adorá-lo. No outro dia bem cedo, Herodes convocou os três Reis ao palácio, e ocultou seu desconforto o melhor que pôde e até fingiu estar cheio de alegria. Os Reis lhe contaram detalhes sobre a visão que tiveram do Nascimento da Criança. Herodes disse-lhes que uma profecia deste tipo sobre Belém Efrata não existia de fato e pediu-lhes que fossem logo para lá muito discretamente e quando estivessem encontrado e adorado a Criança que retornassem para avisá-lo para que também ele pudesse ir adorá-Lo. Apenas chegaram os rumores do nascimento de Cristo para aumentar a inquietação de Herodes. Os eventos que acompanharam o nascimento de Jesus foram divulgados pelos pastores, mas tudo isso foi visto pelas pessoas importantes como um boato absurdo. Isto chegou aos ouvidos de Herodes e ele secretamente fez investigações em Belém. Seus mensageiros foram até a manjedoura três dias após o nascimento de Cristo e, depois de falarem com São José, um homem pobre, eles relataram, como todas as pessoas arrogantes costumam fazer, que não havia nada para se ver mas apenas uma família pobre numa gruta miserável, e que não valia a pena falar sobre isto. Agora, entretanto, Herodes foi confrontado subitamente pelos três reis e sua numerosa comitiva e ficou cheio de medo e aflição, uma vez que eles vieram de muito longe e sua história não podia ser descartada como um falatório simplesmente.

Quando os reis e sua comitiva chegaram a Belém uma multidão de curiosos se aglomerou à sua volta (estes estrangeiros, por causa das pequenas peças de ouro que distribuíam, são mais amavelmente recebidos do que o pobre José). Os reis não perguntaram pelo Rei dos Judeus recém-nascido; eles sabiam que de acordo com a profecia este era o lugar, mas por causa do que Herodes havia-lhes dito eles estavam com receio de fazer qualquer comentário. Contudo, quando eles viram uma luz brilhando no céu ao lado de Belém, como se a lua estivesse surgindo, eles montaram novamente e cavalgaram ao lado de uma vala e de alguns muros em ruínas em torno do lado sul de Belém em direção ao

leste, aproximando-se da Gruta da Natividade, a partir do campo onde o anjo apareceu aos pastores.

Viram então uma gruta desolada em vez de um palácio glorioso como tinham visto na estrela, e uma grande dúvida os atingiu; mas eles permaneceram fiéis ao que acreditavam e à vista de Jesus eles compreenderam que tudo o que eles tinham visto na estrela tinha se cumprido. Gaspar abriu a porta e viu a gruta repleta de luz celestial e no fundo estava a Virgem sentada com a Criança, exatamente como eles tinham visto em suas visões. Ele voltou para trás um pouco e disse isso a seus companheiros. Neste meio tempo, José, acompanhado por um pastor idoso, saiu da gruta para se encontrar com eles. Eles lhe disseram, com a simplicidade de uma criança, como tinham vindo para adorar o recém-nascido Rei dos Judeus, cuja estrela tinham visto, e trazer-Lhe presentes. José deu-lhes cordiais boas-vindas e o velho pastor os acompanhou até seu acampamento para ajudá-los com os preparativos; alguns pastores que lá estavam lhes cederam alguns abrigos. Eles mesmos se prepararam para a cerimônia solene que estava diante deles. Em uma bandeja cada rei colocou algumas das caixas de ouro e vasos que pegaram de seus cintos; esta foi a oferta que fizeram em comum. Gaspar e todos os outros tiraram as sandálias dos pés, enquanto José abria a porta da gruta. Dois jovens que acompanhavam Gaspar foram adiante dele estendendo tiras de pano no chão da gruta diante de seus pés e depois as retirando. Dois outros vieram atrás deles com a bandeja de presentes. Diante da Santíssima Virgem, Gaspar, caindo de joelhos, colocou a bandeja a seus pés sobre uma mesinha. Aqueles que carregavam a bandeja recuaram. Atrás de Gaspar estavam os quatro membros de sua família, curvando-se humildemente. Baltazar e Melquior com seus acompanhantes ficaram na entrada debaixo da cobertura. Eles estavam como que embriagados de êxtase e pareciam transpassados pela luz que enchia a gruta, embora não houvesse nenhuma luz ali a não ser a Luz do mundo. À medida que os reis entravam a Santíssima Virgem posicionava-se sentada, coberta por um véu, com o Menino Jesus em seu colo sob seu amplo véu. Quando Gaspar se ajoelhou, falando tocantes palavras em homenagem enquanto apresentava seus presentes, curvando humildemente sua cabeça descoberta cruzando suas mãos em seu peito. O Menino Jesus resplandecia em sinal de boas-vindas e fez pequenos gestos amáveis com Suas mãos. (Que paz celestial circunda as orações destes bons homens do Oriente! Quão límpidos e tranquilos são seus corações, tão cheios de bondade e inocência como os corações das crianças piedosas). Gaspar então tirou de uma bolsa pendurada em seu cinto uma mão cheia de pequenas barras grossas e brilhantes. Ele as ofereceu para Nossa Senhora como um presente dele, depositando-as humildemente junto aos seus joelhos ao lado da Criança. Ela aceitou o ouro com carinhosa gratidão e o cobriu com a ponta de seu manto. Estas barras de ouro eram o presente de Gaspar porque ele era cheio de fidelidade e amor e estava a procura da sagrada verdade com fervor inabalável e devoção. Ele então se retirou com os companheiros. Baltazar veio a frente com seus companheiros e caindo de joelhos com grande humildade ofereceu seu presente com tocantes palavras de homenagem. Este era um vaso de incenso feito de ouro, cheio de grãos esverdeados de resina, que ele depositou sobre uma mesa diante do Menino Jesus. Incenso era o seu presente porque ele acolheu a vontade de Deus e a seguia de bom grado, reverentemente com amor. Ele ali se ajoelhou por um longo tempo com



profunda devoção antes de se retirar. Depois dele veio Melquior, o mais velho. Ele era bem idoso e pesado e não foi capaz de ajoelhar, mas permaneceu curvado e colocou sobre a mesa um vaso de ouro contendo uma delicada planta verde. Parecia estar enraizada; era uma pequena árvore reta, muito delicada, com folhagem curva com pequena flores brancas. Era mirra. Seu presente era mirra porque simboliza mortificação e superação das paixões; pois este bom homem tinha vencido grandes tentações de envolvimento com idolatria, poligamia e violência. Ele permaneceu em pé com profunda emoção diante do Menino Jesus com seus companheiros por um longo tempo.

Os discursos feitos pelos reis e seus acompanhantes foram extremamente tocantes e inocentes. Quando eles se ajoelhavam e ofereciam seus presentes eles diziam: 'Nós vimos sua estrela, vimos que Ele é Rei acima de todos os reis e viemos adorá-Lo e prestar-Lhe homenagens com nossos presentes'. Eles consagravam a si próprios, suas famílias, suas terras e povos, todos os seus bens e posses, e tudo de valor que possuíam, ao Menino Jesus. Eles suplicaram ao Rei recém-nascido que aceitasse seus corações e almas, todos os seus pensamentos e ações, rogando-Lhe que os iluminasse, concedendo-lhes todas as virtudes, enquanto estivessem na terra, felicidade, paz e amor. Enquanto assim rezavam eles transbordavam de encantadora humildade; lágrimas de alegria corriam por seus rostos e barbas. Eles estavam extremamente felizes, eles pensaram que tinham alcançado agora a própria estrela a qual seus antepassados tinham visto por séculos com ardente desejo cheios de fé. Eles eram só alegria pelas promessas cumpridas depois de muitos séculos.

A Mãe de Deus aceitou todos estes presentes. Depois disso ela falou algumas amáveis e humildes palavras de gratidão para cada rei. Tudo era recebido com humilde

gratidão e depois foi dado gentilmente como caridade aos pobres.

Quando os reis, avisados por Deus, não retornaram a Herodes, então Herodes anunciou que isto era uma prova de que os reis, ou ficaram desapontados em sua busca, ou estavam mentindo. Mandou então espalhar este boato que os reis tinham ficado envergonhados e receosos de voltar a Herodes, porque eles haviam enganado tanto a si mesmos quanto aos outros; desta forma ele interrompeu qualquer rumor posterior e simplesmente deixou claro em Belém que ninguém deveria ter qualquer relação com aquela família e que nenhuma atenção deveria ser dada a rumores enganosos e imaginações. Quando a Sagrada Família retornou a Nazaré quinze dias depois, isto pôs um fim aos comentários sobre um acontecimento que nunca ficou claro para a maioria das pessoas. Os que eram piedosos esperaram em silêncio. Quando tudo estava calmo, então Herodes planejou matar Jesus, mas ouviu que a família havia deixado Nazaré. Por muito tempo ele mandou procurar a Criança e quando ele foi forçado a não ter mais a esperança de encontrá-Lo, sua ansiedade cresceu e ele recorreu à medida desesperada do Massacre dos Inocentes.

REFLEXÕES PARA AS QUATRO SEMANAS DO ADVENTO

1ª SEMANA DO ADVENTO

Quando chegar o Natal, o Senhor terá de encontrar-nos atentos e de alma bem disposta; e assim terá de encontrar-nos também no nosso encontro definitivo com Ele. Precisamos tornar retos os caminhos de nossa vida, voltar-nos para este Deus que vem até nós. Toda a existência do homem é uma constante preparação para ver o Senhor, que cada vez está mais perto; mas no Advento a Igreja ajuda-nos a pedir de um modo especial: *Senhor, mostrai-me os vossos caminhos e ensinai-me as vossas veredas. Dirigi-me na vossa verdade, porque sois o meu Salvador.*

Como neste tempo queremos de verdade aproximar-nos mais de Deus, examinaremos a fundo a nossa alma. Encontraremos aí os verdadeiros inimigos que se empenham sem tréguas em manter-nos afastados do Senhor. De uma forma ou de outra, estão aí os principais obstáculos para a nossa vida cristã: *a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida.* (1 Jo 2, 16).

A concupiscência da carne não é somente o impulso desordenado dos sentidos em geral, não se reduz exclusivamente à desordem da sensualidade: entende-se ao comodismo e à falta de vibração, que impelem a procurar o mais fácil, o mais agradável, o caminho aparentemente mais curto, mesmo a custa de concessões no caminho da fidelidade a Deus.

O outro inimigo é a concupiscência dos olhos, uma avareza de fundo que leva a apreciar apenas o que se pode tocar. Os olhos da alma embotam-se; a razão julga-se auto-suficiente e capaz de entender todas as coisas prescindindo de Deus. É uma tentação sutil, que se escuda na dignidade da inteligência; da inteligência que nosso Pai-Deus outorgou ao homem para que o conheça e o ame livremente. Arrastada por esta tentação, a inteligência humana considera-se o centro do universo, entusiasma-se novamente com o "sereis como deuses" (Gen 3,5) e, enchendo-se de amor por si mesma, vira as costas ao amor de Deus.

O terceiro inimigo é a soberba da vida. "Não se trata simplesmente de pensamentos efêmeros de vaidade ou de amor próprio: é um endurecimento generalizado. Não nos enganemos, porque tocamos o pior dos males, a raiz de todos os extravios". (São Josemaria Escrivá, em seu livro *É Cristo que passa*).

Preparemos este encontro através do sacramento da Penitência.

Estaremos alerta se cuidarmos com esmero da oração pessoal, que evita a tibieza e, com ela, a morte dos desejos de santidade; estaremos vigilantes se não descuidarmos os pequenos sacrifícios, que nos mantêm despertos para as coisas de Deus. Estaremos atentos mediante um exame de consciência, que nos faça ver os pontos em que nos estamos separando, quase sem o percebermos, do nosso caminho.

A confissão sincera dos nossos pecados é um dos principais meios dispostos por Deus para nos restituir a paz perdida pelo pecado ou pela falta de correspondência à graça. "Paz com Deus, efeito da justificação e do afastamento do pecado; paz com o próximo, fruto da caridade difundida pelo Espírito Santo; e paz conosco próprios, a paz da consciência, proveniente da vitória das paixões e sobre o mal."

Quando o homem esquece o seu destino eterno e o horizonte da sua vida se limita à existência humana, contenta-se com uma paz fictícia, com uma *tranquilidade* meramente exterior, à qual pede a salvaguarda do máximo bem-estar com o mínimo esforço. Deste modo constrói uma paz imperfeita e instável, pois não está radicada na dignidade da pessoa humana, feita à imagem e semelhança de Deus e chamada à filiação divina. Vós jamais deveis contentar-vos com estes sucedâneos da paz; seria um grave erro, cujo fruto produziria a mais amarga das decepções. Assim o anunciou Jesus Cristo pouco antes da Ascensão ao céu, quando disse aos seus discípulos: *"Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz; não vo-la dou como a dá o mundo."* (Jo 14,27).

A nossa vida só pode ser edificada sobre Cristo, nossa única esperança, nosso único alicerce. E isto quer dizer, em primeiro lugar, que devemos procurar identificar a nossa vontade com a dEle. O Senhor manifesta-nos a sua vontade não só através dos mandamentos de Deus e da Igreja, e das obrigações próprias da nossa vocação e estado de vida, mas também através das pessoas a quem devemos obediência e dos conselhos que recebemos de quem orienta a nossa alma. A fé faz-nos ver uma sabedoria superior por trás de cada acontecimento: *"Deus sabe mais.* Nós, os homens, compreendemos pouco do seu modo paternal e delicado de nos conduzir até Ele". Há uma providência por trás de cada acontecimento; tudo está ordenado e disposto para que sirva melhor à salvação de cada um – absolutamente tudo, tanto o que sucede num âmbito mais geral como o que acontece cada dia no pequeno universo da nossa profissão e família. Todas as coisas podem e devem ajudar-nos a encontrar o Senhor e, portanto, a encontrar a paz e a serenidade em nossa alma. *Tudo contribui para o bem dos que amam a Deus.*

Se vivermos com o olhar posto em Deus, não precisaremos temer nada: "A fé, se for forte, defende toda a casa"; defende toda a nossa vida. A fé é o maior tesouro que temos e, por isso, devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para conservá-la e aumentá-la. Também devemos, como é natural, defendê-la de tudo o que a possa prejudicar: leituras (especialmente em épocas em que os erros estejam

mais difundidos), espetáculos que sujam o coração, provocações da sociedade de consumo, programas de televisão que possam danificar este tesouro que recebemos.

Em qualquer tempo devemos ter os olhos postos em Nossa Senhora, que viveu toda a sua existência movida pela fé, mas devemos fazê-lo especialmente neste tempo do Advento, que foi para Ela tempo de espera, de esperança segura, antes de que o Messias nascesse do seu seio virginal. *Bem-aventurada tu que creste*, diz-lhe a sua prima Santa Isabel. Confiança e serenidade da Virgem Maria ante a descoberta da sua vocação. Ela é a Mãe de Deus! É aquela criatura de quem os Livros Sagrados vinham falando desde o começo do Gênesis, aquela que esmagaria a cabeça dos inimigos de Deus e dos homens (Gen 3,15), a mulher tantas vezes anunciadas pelos profetas (Isa 7, 14; Miq 5, 2). *Deus olhou para a humildade, para a simplicidade, da sua escrava*. (Luc 1, 48). Santa Maria, que é nossa Mãe, mostra-nos sempre a via segura que nos conduz a Cristo.

Despertaí, ó Deus, o vosso poder e socorrei-nos com a vossa força, para que a vossa misericórdia apresse a salvação que os nossos pecados retardam.

2ª SEMANA DO ADVENTO

“Povo de Sião, o Senhor vem salvar as nações. E, na alegria do vosso coração, soará majestosa a sua voz”. (Is 30, 19-30).

É neste tempo litúrgico que a Igreja propõe à nossa meditação a figura de João, o Batista.

Foram muitos os que conheceram Jesus graças ao trabalho apostólico do Batista. Os primeiros discípulos seguiram Jesus por indicação expressa dele e muitos outros se prepararam interiormente para segui-lo graças à sua pregação.

A vocação abarca a vida inteira e leva a fazer girar tudo em torno da missão divina. Cada homem, no seu lugar e dentro das suas próprias circunstâncias, tem uma vocação dada por Deus; de que ela se cumpra dependem muitas outras coisas queridas pela vontade divina: “De que tu e eu nos portemos como Deus quer – não o esqueças – dependem muitas coisas grandes”.

Tudo o que possuímos é tão superior aos meios de que João dispunha, que o próprio Jesus pôde dizer que o *menor no Reino de Deus é maior do que João*. No entanto, que diferença! Jesus está a ponto de chegar e João vive fundamentalmente para ser o Precursor. Nós somos testemunhas, mas que tipo de testemunhas? Como é nosso testemunho cristão entre os nossos colegas, na família? Tem força suficiente para persuadir os que ainda não crêem em Jesus, os que não o amam, os que tem uma idéia falsa a seu respeito? A nossa vida é uma prova, ou ao menos uma presunção, a favor da verdade do cristianismo? Não nos falta audácia para falar de Deus aos nossos amigos? Não nos sobram respeitos humanos? Velamos pela fé daqueles que o Senhor, de uma forma ou de outra, confiou aos nossos cuidados?

São perguntas que podem nos ajudar a viver este Advento, um tempo a que não pode faltar a dimensão apostólica. Temos que dar testemunho e ao mesmo tempo apontar aos outros o caminho. “Grande é a nossa responsabilidade, porque ser testemunha de Cristo implica, antes de mais nada, procurar comportar-se segundo a sua doutrina, lutar para que a nossa conduta recorde Jesus e evoque a sua figura amabilíssima”.

Com o exemplo e com a oração, devemos chegar até

mesmo àqueles com quem não temos ocasião de falar habitualmente. A Rainha dos Apóstolos aumentará os nossos anseios e o nosso esforço por aproximar as almas do seu Filho, na certeza de que nenhum esforço é vão diante dEle.

Para isso temos de conhecer o caminho: ter vida interior, trato com Jesus, começar nós mesmos por melhorar naquelas coisas em que os nossos amigos devem melhorar, a ter uma esperança inquebrantável nos meios sobrenaturais. A oração, a mortificação e o exemplo estarão sempre na base de todo apostolado cristão. A oração pelos outros é tanto mais ouvida quanto mais ancorada estiver na santidade de quem pede. O apostolado nasce de um grande amor a Cristo. O melhor modo de prepararmos a alma para o Senhor que chega é prepararmos muito bem as nossas confissões. Depois do pecado mortal, a maior desgraça que nos pode acontecer é o pecado venial, pois nos priva de muitas graças atuais. Cada pequena infidelidade é um grande tesouro perdido: diminui o fervor da caridade; aumenta a dificuldade na prática das virtudes, que cada vez nos hão de parecer mais inacessíveis; e inclina ao pecado mortal, que acabará por chegar se não se reage com prontidão.

Se o cristão permite que seu amor esfrie, que a sua alma se aburguese virá esta grave doença interior que o deixará como *palha que o vento arrebatava*: a tibieza, que torna a vida sem amor e sem sentido, ainda que externamente possa parecer que nada mudou. Cristo fica como que obscurecido na mente e no coração, por um descuido culposo: não o vemos nem o ouvimos. A alma é invadida por um vazio de Deus e tenta preenchê-lo com outras coisas, que não são Deus e não a satisfazem; e um desalento especial e característico impregna toda a vida de piedade. Perde-se a prontidão e a alegria da entrega a Deus, e a fé fica adormecida, precisamente porque o amor esfriou. Tibieza é o estado de uma falta de ardor consciente e querida, uma espécie de negligência duradoura ou de vida de piedade a medias, baseada em certas idéias errôneas: que não se deve ser minucioso, que Deus é grande demais para ser tão exigente em pequenas coisas, que há outros que fazem o mesmo que nós, e desculpas semelhantes”. Este desleixo manifesta-se no descuido habitual das pequenas coisas, na falta de contrição pelos erros pessoais, na ausência de metas concretas para um relacionamento mais íntimo com o Senhor. Vive-se sem verdadeiros objetivos de vida interior que atraiam e entusiasmam. “Vai-se andando”. Deixou-se de lutar por progredir interiormente, ou trava-se uma luta fictícia e ineficaz. Abandona-se a mortificação, e “com o corpo pesado e saturado de mantimentos, a alma está muito mal preparada para voar”.

A confissão e a comunhão frequentes são a melhor arma na luta por evitar os pecados veniais. Além disso, cada confissão obtém-nos graças específicas para evitarmos os defeitos e pecados de que nos acusamos e arrependemos. Amar a confissão frequente é sintoma de finura de alma, de amor a Deus; desprezá-la ou olhá-la com indiferença é falta de delicadeza interior e, frequentemente, verdadeiro endurecimento em relação aos bens espirituais. Quando uma pessoa está seriamente determinada a cumprir a vontade de Deus em tudo e a ser inteiramente de Deus, tem verdadeira necessidade de recorrer a este sacramento com mais frequência e pontualidade.

“O Senhor é compassivo e misericordioso, tardo em irar-se e cheio de amor” (Sl 102,8), e aqueles que nEle

esperam “renovam as suas forças, tomam asas como a águia, correm sem se fatigar”(Isa 40,31).

Ordinariamente, será uma luta em pequenas coisas. “Ouçamos o Senhor, que nos diz: *Quem é fiel no pouco, também o é no muito, e quem é injusto no pouco, também o é no muito* (Lc 16,10). É como se Ele nos lembrasse: luta a cada instante nos detalhes aparentemente pequenos, mas grande aos meus olhos; cumpre com pontualidade o dever; sorri a quem precisa, ainda que tenhas a alma dorida; dedica sem regateios o tempo necessário à oração; acode em auxílio dos que te procuram; pratica a justiça, ampliando-a com a graça da caridade”.

O nosso amor a Deus consistirá em retomarmos muitas vezes o esforço diário por não nos deixarmos vencer pelo comodismo e pela preguiça, que estão sempre à nossa espreita. “O diabo não dorme, e a carne também ainda não morreu; por isso não cesses de preparar-se para a batalha. À direita e à esquerda estão os inimigos que nunca descansam”. Não descansemos, também nós, numa luta alegre e com metas concretas. O Senhor está do nosso lado e deu-nos um Anjo da Guarda que nos prestará ajudas inestimáveis, se recorrermos a ele.

Recomeçar... É Jesus quem no-lo diz com especial intimidade nestes dias tão próximos do Natal.

3ª SEMANA DO ADVENTO

A liturgia da missa deste domingo traz-nos a repetida recomendação que São Paulo dirige aos primeiros cristãos de Filipos: *Estai sempre alegres no Senhor; de novo vos digo, estai alegres*. E a seguir o Apóstolo enuncia a razão fundamental dessa alegria profunda: *O Senhor está perto*.

Teremos dificuldades, como as têm todos os homens; mas essas contrariedades – grandes ou pequenas – não nos hão de tirar a alegria. As dificuldades são uma realidade com as quais devemos contar, e a nossa alegria não pode ficar à espera de épocas sem contratempos, sem tentações e sem dor. Mais ainda, sem os obstáculos que encontramos na nossa vida, não teríamos a menor possibilidade de crescermos nas virtudes.

A nossa alegria deve ter um fundamento sólido. Não se pode apoiar exclusivamente em coisas passageiras: notícias agradáveis, saúde, tranquilidade, situação econômica desafogada, etc., coisas que em si são boas se não estiverem desligadas de Deus, mas que por si mesmas são insuficientes para nos proporcionarem a verdadeira alegria.

O Senhor pede que estejamos alegres sempre. *Cada um olhe como edifica, pois quanto ao fundamento ninguém pode ter outro senão aquele que está posto, que é Jesus Cristo* (1 Cor 3, 11). Só Ele é capaz de sustentar tudo na nossa vida. Não há tristeza que Ele não possa curar; *Não temas*, diz-nos o Senhor, *mas apenas crê*. (Lc 8,50).

Dentro de pouco, de muito pouco, *Aquele que vem chegará e não tardará*, e com Ele chegarão a paz e a alegria; em Jesus encontraremos o sentido de nossa vida.

A Virgem Maria teve muitos contratempos ao chegar em Belém, cansada de uma viagem tão longa e sem encontrar um lugar digno onde o seu Filho pudesse nascer; mas estes problemas não a fizeram perder a alegria da boa nova de que Deus se fez homem e habitou entre nós.

Todo aquele que olhar para Belém poderá contemplar

Jesus Menino, acompanhado por Maria e José. Poderá contemplá-lo se tiver um coração puro, porque Deus só se manifesta aos *puros de coração*.

Guarda o teu coração, *porque dele procede a vida* (Prov 4, 23), e também procedem dele a alegria, a paz, a capacidade de amar e de empenhar-se na ação apostólica... Com que cuidado temos que guardar o coração! Porque, por outro lado, o coração tende a apegar-se desordenadamente a pessoas e coisas.

As coisas que talvez tenhamos que tirar e cortar na nossa vida podem ser de tipos muito diversos. Uma vez, serão coisas boas em si mesmas, mas que se tornam negativas pelo nosso egoísmo ou porque as pomos a serviço de uma intenção errada. Outras, serão coisas sem maior importância – como pequenos caprichos, faltas habituais de temperança, pequenas manifestações de mau gênio, excessiva preocupação pelas coisas materiais, etc. – mas que é preciso cortar e arrancar porque, quase sempre, são estes detalhes aparentemente pequenos os que deixam a alma atolada na mediocridade.

O Menino que nascerá em Belém é o Filho de Deus, Unigênito, consubstancial ao Pai, eterno, com a sua própria natureza divina e a natureza humana assumida no seio virginal de Maria. Quando neste Natal o olharmos e o virmos indefeso nos braços de sua Mãe, não nos esqueçamos de que é Deus feito homem por amor de nós, de cada um de nós.

Para imitarmos o Senhor, para sermos verdadeiramente seus discípulos, “é preciso que *nos contemplemos nEle*”. Não basta ter um idéia geral do espírito de Jesus, mas é preciso aprender dEle pormenores e atitudes. E sobretudo é preciso contemplar a sua passagem pela terra, as suas pisadas, para extrair dali força, luz, serenidade, paz. Quando amamos uma pessoa, desejamos conhecer até os menores detalhes da sua existência, do seu caráter, para assim nos identificarmos com ela. É por isso que temos que meditar na história de Cristo, desde o seu nascimento num presépio até a sua morte e sua ressurreição. Só assim teremos Cristo em nossa mente e em nosso coração.

Deus sempre nos dá sinais suficientes para podermos descobri-lo. Mas são necessárias boas disposições interiores para ver *o Senhor que passa ao nosso lado*. Sem humildade e pureza de coração, é impossível reconhecê-lo, ainda que esteja muito perto. Pedimos agora a Jesus, na nossa oração pessoal, essas boas disposições interiores e esse sentido sobrenatural de que precisamos para encontrá-lo naquilo que nos rodeia: na natureza, na dor, no trabalho, num aparente fracasso...

Ter sentido sobrenatural é ver as coisas como Deus as vê, aprender a interpretar e julgar os acontecimentos sob o ângulo da fé. Só assim entenderemos a nossa vida e o mundo em que estamos. Às vezes, ouve-se dizer: “Se Deus fizesse um milagre, então, sim, acreditaria nEle e o tomaria a sério”. Ou: “Se Deus me desse provas mais contundentes da minha vocação, eu me entregaria a Ele sem reservas”.

Agora que está próximo o Natal, devemos desejar uma vez mais uma nova conversão, um regresso ao Senhor que nos permita contemplá-lo com um olhar mais limpo, nunca com os olhos cansados ou turvos.

É necessário permanecermos vigilantes contra os inimigos de Deus, mas também contra a cumplicidade a que nos induzem as nossas más inclinações: *Vigiai e orai para não cairdes em tentação, porque o espírito está pronto, mas a carne é fraca* (Mt 26, 41).

Apriremos, portanto, a ânsia de mortificação interior

durante estes dias de espera do Natal, para podermos receber o Senhor com uma mente limpa que, eliminando o que vai contra a nossa vocação de cristãos ou está à sua margem, já não retenha nada que não lhe pertença: “Essa frase feliz, a piada que não te escapou da boca, o sorriso amável para quem te incomoda, aquele silêncio ante a acusação injusta, a tua conversa afável com os maçantes e os inoportunos, o não dar importância cada dia a um pormenor ou outro, aborrecido e impertinente, das pessoas que convivem contigo... Isto, com perseverança, é que é sólida mortificação interior”.

“Os juízos particulares não serão revistos nem corrigidos no Juízo universal, mas confirmados e dados a conhecer publicamente. No Juízo universal, cada homem será julgado diante de toda a humanidade e como membro da sociedade humana. Então os corpos ressuscitarão e desse modo se contemplará o prêmio ou castigo de cada um.” (São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, Supl. 88, 1).

O exame de consciência diário e a prática da confissão frequente são meios muito importantes para prepararmos este encontro definitivo com o Senhor. São também meios excelentes para prepararmos o novo encontro com o Senhor no Natal que já se aproxima: *Apressai-vos e não tardeis, Senhor Jesus, para que a vossa chegada renove as forças dos que confiam no vosso amor.*

4ª SEMANA DO ADVENTO

O Espírito do Advento consiste em boa parte em vivermos mais unidos à Virgem Maria neste tempo em que ela traz Jesus no seu seio. Mas a nossa vida é também toda ela um “advento” um pouco mais longo, uma espera desse momento definitivo em que nos encontraremos finalmente com o Senhor para sempre.

Os livros do Antigo Testamento narram a história da Salvação, em que, passo a passo, se prepara a vinda de Cristo ao mundo. O Gênesis já fala da vitória da Mulher sobre os poderes do mal; fala-nos de um mundo novo (Gen 3,15). Oséias anuncia que Israel se converterá e que nele florescerá o antigo amor (Os 2, 16-25). Isaías, no meio das decepções do reinado de Ezequiel, anuncia a vinda do Messias (Is 7, 9-14), e Miquéias indicará Belém de Judá como o lugar do seu nascimento (Miq 5, 2-5).

Faltam poucos dias para que vejamos no presépio *Aquele que os profetas predisseram, que a Virgem esperou com amor de mãe, que João anunciou estar próximo e depois mostrou presente entre os homens. É Ele quem nos dá a alegria de nos prepararmos desde agora para o mistério do seu natal, a fim de nos encontrarmos em oração e celebrando os seus louvores quando chegar.*

Escutai-me, vós que estais desanimados e vos julgais longe da vitória. Eis que eu aproximo a minha vitória; não está longe, e a minha salvação não tardará (Is 46, 12-13).

Unidos a José, é fácil abeirarmos do Natal que se aproxima. Ele só nos pede a simplicidade e humildade para podermos contemplar Maria e seu Filho. Os soberbos não tem lugar na pequena gruta de Belém.

Como seria o relacionamento de José com Jesus? José amou Jesus como um pai ama o seu filho, dando-lhe tudo o que tinha de melhor. Cuidou daquele menino como lhe tinha sido ordenado, e fez dele um artesão: transmitiu-lhe o seu ofício. Jesus trabalhou na oficina de José e junto com José. Como seria José, como teria atuado nele a graça, para ser capaz de desempenhar a



tarefa de educar o Filho de Deus nos aspectos humanos?

“Porque Jesus devia parecer-se com José: no modo de trabalhar, nos traços do seu caráter, na maneira de falar. No realismo de Jesus, no seu espírito de observação, no seu modo de sentar-se à mesa e de partir o pão, no seu gosto por expor a doutrina de maneira concreta, tomando como exemplo as coisas da vida corrente, reflete-se o que foi a infância e a juventude de Jesus e, portanto, o seu convívio com José” (São Josemaria Escrivá, em seu livro *É Cristo que passa*, n. 55).

Se procurarmos a intimidade com José nestes poucos dias que faltam para o Natal, ele nos ajudará a contemplar esse mistério inexplicável de que foi testemunha silenciosa: a Virgem Maria com o Filho de Deus feito homem em seus braços.

A Igreja necessita sempre de pessoas que entreguem o seu coração indiviso ao Senhor como hóstia viva, santa, agradável a Deus. A Igreja necessita também de famílias santas, de lares cristãos que sejam verdadeiro fermento de Cristo e forjem no seu seio muitas vocações de entrega plena a Deus.

Tanto para os solteiros como para os casados, a virgindade de Maria é também um apelo à santa pureza, indispensável para que possamos contemplar a Deus e servir os nossos irmãos, os homens. Talvez esta virtude choque frontalmente com o ambiente e seja mal entendida ou mesmo combatida por muitas pessoas a quem o materialismo cegou. Mas nos é absolutamente necessária até para sermos um pouco mais humanos e podermos olhar para Deus.

A impureza provoca insensibilidade no coração, aburguesamento e egoísmo, pois torna o homem incapaz de amar e cria nele um clima propício para que surjam na alma, como ervas ruins, todos os vícios e deslealdades.

“Cuidai da castidade com esmero, e também dessas outras virtudes que formam o seu cortejo – a modéstia e o pudor –, que vem a ser como que a sua salvaguarda. Não passeis levemente por cima dessas normas que são tão eficazes para nos conservarmos dignos do olhar de Deus: a guarda atenta dos sentidos e do coração; a valentia para fugir das ocasiões; a frequência dos sacramentos, de modo particular a Confissão sacramental; a sinceridade plena na direção espiritual pessoal; a dor, a contrição, a reparação depois das faltas.

E tudo ungido com uma terna devoção a Nossa Senhora, para que ela nos obtenha de Deus o dom de uma vida santa e limpa.” (São Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 185).

Devemos aproximar-nos de Belém com as disposições das crianças: com simplicidade, sem preconceitos, com a alma aberta de par em par. Mais ainda, é necessário que nos façamos como crianças para entrar no Reino dos céus: *Se não vos converterdes e vos fizerdes como crianças, não entrareis no Reino dos céus*, dirá o Senhor em outra ocasião, enquanto chama um garotinho e o coloca diante de todos.

O Senhor não recomenda a puerilidade, mas a inocência e a simplicidade. Vê nas crianças traços e atitudes essenciais para entrarmos no reino da fé e alcançarmos o Céu.

“Fazer-se criança: renunciar à soberba, à auto-suficiência; reconhecer que sozinhos, nada podemos, porque necessitamos da graça, do poder do nosso Pai-Deus para aprender a caminhar e para perseverar no caminho. Ser criança exige abandonar-se como se abandonam as crianças, crer como crêem as crianças, pedir como pedem as crianças”.

As crianças não se interessam em averiguar se estão ou não caindo no ridículo, coisa que no adulto paralisa tantos empreendimentos; nem têm esses temores e falsos respeitos humanos que são gerados pela soberba e pela preocupação de saber “o que dirão”.

Consequência da vida de infância é a docilidade. Quem tem a alma de adulto dá por sabida muitas coisas que na realidade desconhece; julga saber mas ficou nas aparências, sem aprofundar neste outro tipo de saber que influi imediatamente na conduta. Quando Deus o olha, vê-o cheio de ignorância e fechado ao verdadeiro conhecimento.

A vocação é também em cada um de nós o ponto central de nossa vida. Tudo ou quase tudo depende de conhecermos e cumprirmos aquilo que Deus nos pede. Seguir e amar a vocação a que Deus nos chamou é a coisa mais importante e mais alegre da vida.

Mas, apesar de a vocação ser a chave que abre as portas da felicidade verdadeira, há os que não querem conhecê-la; preferem fazer a sua própria vontade ao invés da Vontade de Deus; preferem ficar numa ignorância culposa, ao invés de procurarem com toda a sinceridade o caminho em que serão felizes, em que alcançarão com segurança o Céu e farão felizes muitas outras pessoas.

Perante a vontade de Deus, Maria tem uma só resposta: amá-la. Ao proclamar-se *escrava do Senhor*, aceita os desígnios divinos sem limitação alguma. Avaliaremos melhor em toda a sua força e profundidade essa expressão de Maria se pensarmos no que era a escravidão que estava então plenamente vigente. Pode-se dizer que o escravo não tinha vontade própria, nem outro querer fora do querer do seu amo. A Virgem Maria aceita com extrema alegria não ter outra vontade senão a do seu Amo e Senhor. Entrega-se a Deus sem limitação alguma, sem impor condições.

À imitação de Nossa Senhora, não queiramos ter outra vontade e outros planos a não ser os de Deus. E isso tanto em coisas transcendentes para nós – a nossa vocação – como nas pequenas coisas diárias do nosso trabalho, família, relações sociais.

Nossa Senhora manifestou uma generosidade ilimitada ao longo da sua vida na terra. Dentre as poucas passagens do Evangelho que se referem à sua vida, duas delas nos falam diretamente da sua solicitude para com os outros: foi generosa com o seu tempo quando se

dispôs a assistir sua prima Santa Isabel até que João nascesse (Lc 1, 31); preocupou-se pelo bem-estar dos outros quando interveio junto de seu Filho nas bodas de Caná (Jo 2, 1ss). E não nos custa pensar no muito que teriam a dizer-nos os seus conterrâneos de Nazaré sobre os incontáveis detalhes que teria para com eles na convivência diária.

Se percebermos que, apesar da nossa luta, ainda estamos dominados pelo egoísmo, olhemos hoje para Nossa Senhora a fim de imitá-la na sua generosidade e assim podermos sentir a alegria de nos darmos e de dar. Temos de entender melhor que a generosidade enriquece e dilata o coração; o egoísmo, pelo contrário, é como um veneno que nos destrói com toda a certeza, ainda que às vezes lentamente.

O que é “nosso” salva-se precisamente quando o entregamos. Coloca tudo nas mãos de Deus: que os teus pensamentos, as boas aventuras da tua imaginação, as tuas ambições humanas nobres, os teus amores limpos, passem pelo coração de Cristo. De outro modo, cedo ou tarde irão a pique com o teu egoísmo.

Um dia Pedro disse a Jesus: *Eis que nós deixamos tudo e te seguimos. E Jesus respondeu-lhe: Em verdade vos digo que não há ninguém que tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por amor ao reino de Deus, que não receba muito mais já neste mundo e, no século futuro, a vida eterna.* (Lc 18, 28-30)

A virtude da humildade, que tanto transparece na vida de Nossa Senhora, consiste na verdade, no reconhecimento sincero do que somos e valem diante de Deus e diante dos outros; consiste também em esvaziar-nos de nós mesmos e em deixar que Deus atue em nós com a sua graça. “É a rejeição das aparências e da superficialidade; é a expressão da profundidade do espírito humano; é a condição da sua grandeza”. (São Josemaria Escrivá, Caminho, n. 507).

A humildade é uma virtude que nada tem a ver com a timidez, com a pusilanimidade ou com a mediocridade. Não se opõe a que tenhamos consciência dos talentos recebidos, nem que usemos deles com um coração reto. E se se encontra nos primeiros lugares, ocupando uma posição de proeminência, sabe que “Deus lhe deu esse motivo de excelência para que sirva de proveito aos outros; o testemunho dos outros deve agradecer-lhe somente na medida em que contribua para o bem alheio”. (São Tomás de Aquino, Suma Teológica, 2-2, q. 131).

O nascimento de Jesus, como toda a sua vida, é um convite para que examinemos nestes dias a atitude do nosso coração em relação aos bens da terra.

Para vivermos o desprendimento do bens, no meio da onda do materialismo que parece submergir a humanidade, temos que olhar para o nosso Modelo, Jesus Cristo, *que se fez pobre por amor de nós, para que vós fôsseis ricos pela sua pobreza.*

Os pobres a quem o Senhor promete o Reino dos céus não são todos os que padecem necessidade, mas aqueles que, tendo ou não bens materiais, não se sentem presos a eles. É uma pobreza segundo o espírito, mas deve ser vivida em qualquer circunstância da vida. *Eu sei viver na abundância – dizia São Paulo – e sei viver na fome e na escassez.* (Fil 4, 12)

Devemos recordar na nossa oração que o desprendimento exige sacrifício. Se o desprendimento não custa, é porque não é bem vivido. E manifesta-se frequentemente em saber prescindir do supérfluo, em lutar contra a tendência desordenada para o bem-estar e para a comodidade, em evitar caprichos, em renunciar ao luxo e aos gastos feitos por pura vaidade, etc.

Podemos e devemos sempre ser comidos nas necessidades pessoais, vigiando a tendência para criar falsas necessidades e sendo generosos na esmola e na ajuda a obras boas. Devemos cuidar com esmero das coisas do nosso lar, bem como de todo tipo de bens que nos venham parar às mãos, pois, na realidade, só os possuímos como que em depósito, para administrá-los bem.

Se lutarmos eficazmente para viver desprendidos do que temos e usamos, o Senhor encontrará o nosso coração limpo e completamente aberto quando vier novamente a nós neste Natal. Não acontecerá com a nossa alma o que aconteceu naquela pousada: estava cheio e não tinham lugar para o Senhor.

Maria incita-nos nesta véspera do nascimento do seu Filho a não abandonar nunca a oração, o trato com o Senhor. Sem oração, estamos perdidos; e com ela, somos fortes e levamos para a frente as nossas tarefas. Habitualmente, a nossa oração deve encerrar-se com propósitos preciso da nossa melhora pessoal. Perguntaremos com sinceridade ao Senhor: Que desejas de mim, Senhor, neste assunto que acabo de considerar? Como posso progredir agora nesta virtude? Que devo propor-me para cumprir a tua Vontade tendo em vista os próximos meses?

Ao terminarmos a nossa oração, contemplemos José muito perto de Maria, cheio de atenções e delicadezas para com Ela. Jesus vai nascer. Ele preparou o melhor que pôde aquela gruta. Nós lhe pedimos que nos ajude a preparar a nossa alma, para que não estejamos dispersos e distraídos, agora que Jesus está para chegar.

Meditando na grandiosidade do amor de Deus façamos um paralelo em nossa real condição para enxergarmos as nossas necessidades e dificuldades afim de alcançarmos a graça na verdadeira conversão e do amor a Deus sobre todas as coisas. Seu amor por nós não mediou sacrifícios para salvar a humanidade, sabemos que o Pai sofre mais com a dor do filho que o próprio filho. Assim vemos Deus-Pai se dispondo a sofrer desde o primeiro momento quando tomava as decisões de enviar seu filho ao mundo até estas serem consumadas. Ele sofre junto com o seu Filho desde sempre, considerando que Ele padece até os nossos dias por aqueles que o renegam. A luz veio ao mundo "mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, pois as suas obras eram más". Somos, portanto, chamados a amar o amor que não é amado, e a única forma de o fazermos é doando-nos inteiramente ao Pai, a exemplo de Jesus Cristo, dispondo a fazer sua vontade de forma incondicional. Isto é amar na medida de Deus. Podemos concluir que o sinônimo aqui de amar é acreditar, e de acreditar é executar, sem discutir, sem reclamar, conformar-se com a vontade divina que só visa o bem de todos. E Jesus sabendo disso se apressa a executar a vontade do Pai, dando a sua vida para a salvação do mundo. Temos que ter uma interpretação correta a respeito da bondade, do bem comum, e do amor, ao contrário não vamos conseguir entender o chamado de Deus e acolhermos esta nova vida que Ele nos oferece; nos fecharemos para esta Luz caindo no outro extremo que a palavra nos afirma, renegando a luz. Nossas obras tem que ser boas de forma concreta. Realizar boas obras exige um sacrifício de transformação e mudança radical em nossa natureza pervertida. Deus nos chama a buscarmos o exemplo de Jesus Cristo, de Maria Santíssima, São José e nele o de todos os Santos, que responderam de forma plena ao seu chamado, aceitando a salvação anunciada

por seu divino Filho, lembrando então que não há outra forma de amar e retribuir este amor.

Com todos os Anjos e Santos do Céu levantemos um grande brado de exaltação ao Menino Jesus neste Natal!

Bem aventurada Maria Mãe de Jesus, teu ventre Santo estremece, a face santa ilumina, anuncia a chegada do Santo de Deus, Puro, Trino e Santo!

Agradecemos a Deus o vosso Santo sim que fez hoje brotar água da vida, o sangue da salvação!

Levantemos então com todos os Anjos e Santos do céu um grande brado de exaltação do Menino Jesus que é Rei em tua vida, em tua morte e em tua ressurreição!

Vinde e o exaltemos!

Abre os teus olhos Menino Jesus, abre os teus olhos de luz, e olhe para todo o povo fitando um a um! Faça o teu coração pulsar em todos os corações para que tu Menino Jesus possa nascer!

Santo é Tu Jesus, Santo és Tu Jesus!

Santa é tua vinda, vida nova sempre quer nos dar e nos chama à conversão!

Exaltado, adorado, reconhecido sejas tu Menino Jesus por todas as nações!

Santo é Tu Jesus, Santo és Tu Jesus!

E com ternura em teu olhar olhou para Deus a humanidade e estendeu os seus braços em busca da Mãe que O gerou, então a perfeita união de Deus-Pai se concretizou para a salvação e libertação da terra!

A ti todo louvor, honra e glória pra sempre, Menino Jesus!

Santo é Tu Jesus, Santo és Tu Jesus!

Nós da Associação Filhos de Jesus e Maria, desejamos a todos vocês um Santo e Feliz Natal !

Fontes:

- 1) Santíssima Virgem Maria, Anna Catharina Emmerich, Ed. MIR
- 2) Falar com Deus (Advento. Natal. Epifania) Francisco Fernández Carvajal, Ed. Quadrante

Informativo:

Instituto de Música Santa Cecília

Teclado - Contra-Baixo - Violão - Guitarra
Bateria - Canto - Musicalização Infantil

Fone: (19) 3241-7706

Aulas aos sábados

Edição e Publicação:



Associação Filhos de Jesus e Maria

www.afjm.org.br

Tiragem: 70 exemplares